



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

THATYANNA LIMA ROLIM

**CONTOS DE FADAS:
O SIGNIFICADO DO PRAZER DE LER**

CAJAZEIRAS - PB

2009

THATYANNA LIMA ROLIM

**CONTOS DE FADAS:
O SIGNIFICADO DO PRAZER DE LER**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



R748c Rolim, Thatyanna Lima.
Contos de Fadas: o significado do prazer de ler /
Thatyanna Lima Rolim. - Cajazeiras, 2009.
59f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Literatura infantil. 2. Contos de Fada. 3. Infância -
leitura. 4. Literatura e infância. I. Lima, Maria Janete
de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro
de Formação de Professores. IV. Título

THATYANNA LIMA ROLIM

CONTOS DE FADAS: O SIGNIFICADO DO PRAZER DE LER

Monografia aprovada em ____ / ____ / ____.

Orientadora: Ms. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS-PB

2009

Dedico este trabalho e toda a essência afetiva que ele encerra, àquela que sempre me "arrumava", com as filhas de suas amigas, os mais belos livros de contos de fadas, que me deu as asas para libertar a imaginação, para que eu aprendesse a sonhar, minha mãe.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Agradeço aos meus filhos, por terem suportado a saudade do tempo que não passamos juntos enquanto me dedicava à este trabalho;

Ao meu "amor", por ter ouvido minhas dúvidas e tantas histórias encantadas com compreensão;

Aos meus irmãos que sempre viajavam comigo, e ainda viajamos hoje, pelo mundo do faz-de-conta;

A todas as crianças para quem já contei histórias, que com seus olhares me impulsionaram a buscar o sentido de tamanha cumplicidade com a literatura infantil.



Há um significado mais profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina.

Schiller.

(The Piccolomini, III, 4)

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo compreender o afeito dos contos de fadas no desenvolvimento infantil e o significado do prazer de ler. A pesquisa sobre o tema foi realizada com crianças entre 04 e 05 anos, nas escolas municipais de Cajazeira - PB: E. M. E. I. F. Matias Duarte Rolim; E. M. E. I. F. Costa e Silva; Creche Nossa Senhora dos Remédios, todas na zona urbana, através das técnicas de questionário e grupos focais, buscando analisar a aplicação das narrativas infantis em sala de aula, visando a compreensão dos valores atribuídos à Literatura Infantil nessas escolas. O estágio foi realizado apenas na creche, entre os meses de setembro e outubro e possibilitou a observação do comportamento infantil mediante as narrativas, constatando-se a sensibilidade das crianças com o conto, deixando-se envolver pelos enredos e personagens das histórias, através de suas próprias experiências e sentimentos, criando um vínculo necessário entre a infância e a literatura voltada para ela. Estas e outras idéias acerca dos contos infantis são aqui apresentadas com a intenção de tornar ainda mais proveitoso o trabalho com a Literatura Infantil.

Palavras chave: contos de fadas; sensibilidade; crianças.

ABSTRACT

This monograph aims to understand the wont of fairy tales in child development and meaning of the pleasure of reading. The research on the subject was held with children from 04 to 05 years in public schools of Cajazeira - PB: E. M. E. I. F. Matias Duarte Rolim, E. M. E. I. F. Costa e Silva, Creche Nossa Senhora dos Remedios, all in urban areas, through the techniques of questionnaire and focus groups, seeking to examine the implementation of children's narratives in the classroom in order to understand the values assigned to the Children's Literature in these schools. The stage was performed only in the nursery, between the months of September and October, allowed the observation of child behavior by the stories, noting the sensitivity of children with the tale, leaving the charms and characters of the stories, with their own experiences and feelings, creating a necessary link between childhood and literature directed at her. These and other ideas about the fairy tales are presented here with the intention to make it even more useful to work with the Children's Literature.

Keywords: fairy tales; sensitivity; children.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO ----- | 09 |
| CAPÍTULO I – A LITERATURA EM SEU PRINCÍPIO ----- | 11 |
| 1.1 A tradição oral guarda a tradição do povo ----- | 11 |
| 1.2 Uma literatura propriamente infantil ----- | 13 |
| 1.3 O surgimento da infância ----- | 15 |
| 1.4 A literatura e a infância ----- | 17 |
| CAPÍTULO II – OS CONTOS DE FADAS ----- | 19 |
| 2.1 A Literatura e suas formas ----- | 19 |
| 2.2 As diversas formas da literatura infantil ----- | 20 |
| 2.3 As fadas ----- | 22 |
| 2.4 Os contos de fadas e a infância ----- | 22 |
| CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS ----- | 29 |
| 3.1 Percurso metodológico ----- | 29 |
| 3.2 Questionário ----- | 30 |
| 3.3 Grupo focal ----- | 30 |
| 3.4 Análise do questionário dos professores ----- | 30 |
| 3.5 Análise do grupo focal ----- | 33 |
| 3.6 Impressões da narrativa ----- | 36 |
| 3.7 Caracterização da escola (estágio) ----- | 37 |
| 3.8 Análise do estágio ----- | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS ----- | 48 |
| BIBLIOGRAFIA ----- | 50 |
| ANEXOS | |

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico faz parte da conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande e, tem o objetivo de tecer idéias acerca dos conhecimentos sobre Literatura Infantil, mas especificamente, no que se refere a “Contos de fadas”.

O interesse pelo tema parte da importância atribuída a literatura infantil como “ferramenta” da educação, visando a aprendizagem e a disciplina. Contudo, acreditamos que as histórias infantis acrescentem muitos e maiores benefícios, que perpassam os aspectos cognitivos e, principalmente, os afetivos.

Tornar as crianças leitoras não significa apenas incentivá-las a prática de um bom hábito, mas dar-lhes suporte para um crescimento interior mais seguro e significativo. A partir dos contos de fadas e, também, de outros gêneros literários, como as fábulas, as lendas e os mitos, a criança cresce e, junto com ela, o seu interesse por variados tipos de textos, gerando o gosto pelo encontro com o mundo escrito ou narrado e lhe preparando para a leitura de grandes obras literárias.

Todo o estudo para este escrito está fundamentado em escritores dedicados a pesquisa sobre literatura infantil e suas relações com a aprendizagem e a vivência infantil, como Regina Zilbermam, Nelly Coelho Novaes e Bruno Bettelheim, entre outros.

O estágio foi realizado na Creche Nossa Senhora dos Remédios, situada na cidade de Cajazeiras - PB, zona urbana, entre os meses setembro e outubro do ano de 2009.

Para a realização das pesquisas, foram empregadas técnicas de coleta de dados como questionários escritos (com os professores) e estudos com grupos focais (com as crianças), no intuito de canalizar como se dá e se recebe o trabalho com a literatura infantil na escola.

Durante todo o percurso do trabalho, foi possível vivenciar a prática da “contação de histórias” e o envolvimento das crianças com estes momentos, que desmascaram os medos, criam expectativas futuras e aumentam a alegria, além de estabelecer um paralelo entre a fantasia e a realidade.

Todo o relato aqui descrito se organiza em três capítulos, sendo o primeiro um breve histórico sobre a origem e a evolução da literatura para crianças, que tendo surgido da tradição oral, atravessa os séculos se transformando, tomando seu

espaço na infância por volta do séc. XVII, com a ascensão da burguesia, e reunindo seus primeiros grandes nomes, como Charles Perrault, os Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen e vários outros. Destaca-se, ainda, a importância desta nova literatura, como base de formação de atitudes, dentro da escola e no mundo infantil.

No segundo capítulo, temos um encontro com os contos de fadas e sua relação com a infância, procurando esclarecer como se configura o subgênero ressaltado dentro da Literatura como arte, dando ênfase as diversas formas da literatura caracterizando cada uma, em especial os contos de fadas e toda sua relação com a infância.

O terceiro capítulo, traz os registros das pesquisas e do estágio que apontam a essencialidade de se buscar trabalhar com o tema supracitado na escola, que é território mais do que adequado a vivência com a literatura infantil, numa abordagem com instrumentos de pesquisa que possibilitassem uma melhor visão do quadro já existente, como: questionários, grupos focais, bem como o estágio propriamente dito. Este último tornou-se o descobrir concreto do tema em estudo.

Assim, diante de um tema tão "encantador e fascinante", buscamos auxiliar com a pesquisa e o trabalho monográfico em questão, a aplicação da literatura infantil na escola, espaço privilegiado para o desenvolvimento da infância.

CAPÍTULO I

A LITERATURA EM SEU PRINCÍPIO

1.1 A tradição oral guarda a tradição do povo

Na época em que faltava a humanidade o conhecimento científico sobre os fenômenos da natureza e da origem do homem, tudo era explicado através do fantástico, do maravilhoso.

O homem recorria a sua imaginação criando uma divindade para cada mistério encontrado, tentando explicar o que ao seu entendimento, ainda, era desconhecido. Assim, os “deuses” controlavam o tempo e os astros (ou eram os próprios astros), e decidiam sobre o destino de cada mortal.

Era deste modo que as sociedades em seu princípio explicavam as causas e os fenômenos naturais que não compreendiam, fazendo surgir o mito, a superstição e dando ao homem alguma sensação de segurança sobre sua origem e vida no mundo.

Qualquer comunidade humana primitiva criava suas explicações “imaginativas” e fantasiosas para empregar alguma compreensão ao “mundo” que habitava e, como é comum ao ser humano em sociedade, os membros destes povos, por prazer e/ou entretenimento passavam estes conhecimentos adiante, fazendo surgir uma linguagem, uma vida social e, conseqüentemente, dando início a uma “Tradição Oral”, estabelecendo os alicerces para a origem da Literatura.

A tradição oral é a origem não só da Literatura mas, avançando a nossa observação, de toda a manifestação do pensamento humano. Disto não escapou nem mesmo a filosofia (CARVALHO, 1961.p.15).

É nesse cenário que surgem os contos, os mitos e as fábulas, perpetuando costumes, crenças, modos de vidas e valores comuns, fazendo nascer um “princípio de literatura”, permeada pelos aspectos religiosos, supersticiosos, cívicos e morais, fundamentada na admiração e medo dos fenômenos naturais que eram incapazes de explicar racionalmente, na exaltação dos heróis e guerreiros e em fatos edificantes que serviam de exemplo às futuras gerações.

Em seus primórdios, a literatura foi essencialmente fantástica: na infância da humanidade, quando os fenômenos da vida natural e as causas e os princípios das coisas eram inexplicáveis pela lógica, o *pensamento mágico* ou o *mítico* dominava. Ele está presente na imaginação que criou a primeira literatura: a dos mitos, lendas, sagas, cantos rituais, contos maravilhosos, etc. (COELHO, 2000, p. 52).

A tradição oral caminhou lado a lado com a evolução do homem, chegando a Idade Média e adentrando os palácios ou circulando reuniões em vias públicas, através dos poetas, chamados aedos, menestréis ou trovadores, que divulgavam os contos, romances e fábulas, em versos, acompanhados de instrumentos musicais, como o alaúde (já não usado mais atualmente).

Entretanto, estes contos não eram destinados à infância, que nas primeiras civilizações não tinha sua importância como faixa etária diferenciada do adulto. As narrativas tinham a função de preencher momentos de lazer, propor modelos de comportamento, transmitir valores e concepções do mundo próprios daquela sociedade e passar adiante os conhecimentos de um povo, conforme afirma Carvalho (1961):

A tradição oral, primitiva, não distingue a criança do adulto. A criança era um "adulto em miniatura", que apenas se preparava para futuras experiências. A distinção, certamente, estava entre o contador (que deveria ser o adulto, baseado na experiência) e o ouvinte, onde se encontrava a criança. A criança deveria aprender a temer, a respeitar, a obedecer e a admirar, inspirada no conteúdo dos contos (p.17).

Em sua forma mais original, os contos são repletos de adultérios, incestos, canibalismos, estupros e mortes hediondas, e eram contados em reuniões sociais, ou em outras ocasiões nas quais os adultos se reuniam. A medida em que iam sendo difundidas entre os diferentes povos, as narrativas ganhavam alterações, encontrando adequações as características das sociedades nas quais se repercutiam.

É com a tradição oral, que surge a preocupação de deixar para os mais jovens os conhecimentos elaborados e nascidos de um povo. Assim, os primeiros escritos destas sociedades caracterizam o surgimento da literatura, mostrando que o dom criador literário do homem é advindo de sua necessidade de entender e dominar os mistérios da existência humana.

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. *Literatura oral* ou *literatura escrita* foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe

transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados (COELHO, 2000, p.16).

1.2 Uma literatura propriamente infantil

A literatura voltada para as crianças tem seu início na França do séc, XVII, com Charles Perrault, que recolheu histórias do folclore europeu e as adaptou, dando-lhes vivacidade e ainda mais encantamento, iniciando uma repercussão que tomaria proporções mundiais. Em seus contos, encontramos as características da sociedade do seu tempo, retratada através de suas ficções satirizadas, nas quais atribuíam qualidades e características humanas a animais vivendo em comunidade.

Perrault nasceu em Paris, 1628, vindo a falecer em 1703. Foi membro da Academia Francesa e protagonizou a conhecida disputa entre os Antigos e os Modernos – sendo ele, representante destes últimos.

Seus contos são marcados pela introdução da classe humilde misturada a nobreza, dando as suas histórias um profundo traço popular, pois falavam de lenhadores, caçadores, cozinheiros, costureiros, vivendo junto a realeza e, na maioria das vezes, lhes subjugando pela inteligência.

Sua obra de maior destaque foi "Contos da Mamãe Gansa", com vários contos, sendo em sua maioria, hoje, mundialmente conhecidos, como: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, Cinderela e outros. Sempre ao final de cada conto, o autor escrevia um poema que encerrava a história com uma mensagem de cunho moral.

Perrault prima pelas metamorfoses, pelo movimento. Sua linguagem é pura e simples, ao lado da correção de um belo estilo. Cheias de sutis ensinamentos, mas sem o fastidioso moralismo, as estórias de Perrault são de um alto cunho moralista. Os ensinamentos morais estão incorporados e integrados em toda a sua obra, identificados com as personagens, numa unidade de ação inseparável (CARVALHO, 1961, p.30).

Na Alemanha do séc. XVIII, dois irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, se dedicaram aos registros da tradição oral, fazendo pesquisas e buscas sobre os contos populares. Com o material adquirido, fizeram várias publicações, adaptando-o a infância, retirando deste as violências, inadequadas para a leitura infantil.

Sua primeira obra publicada, Contos da Criança e do Lar, datado de 1812, apresentava um coletânea de 51 narrativas. Para muitos estudiosos, suas histórias

marcam o início do verdadeiro estudo do folclore europeu, pois suas narrativas eram coletadas diretamente do povo, durante viagens nas quais ouviam histórias e lendas de todas as regiões.

Os irmãos Grimm são mais objetivos, fazem, mais do que todos, uma obra de folclore, através da observação exterior e da experiência <<in loco>>. Sua preocupação era retratar, fotografar, pesquisar e recolher a tradição de seu povo (CARVALHO, 1961, p.59).

Jacob e Wilhelm Grimm, nasceram respectivamente em 1785 e 1786. Os "Irmãos Grimm", como são conhecidos, tornaram seus contos mundialmente famosos e apreciados pelas crianças de todos os cantos do planeta, concretizando e expandindo os horizontes da Literatura Infantil em seu gênero: contos de fadas. Seus contos foram traduzidos por diferentes autores em todo o mundo, ganhando uma importância significativa dentro das narrativas feitas para crianças.

Os Irmãos Grimm vieram a falecer, Wilhelm em 1859 e Jacob em 1863, deixando um legado de mais de 200 contos infantis e um variado e rico trabalho em contribuição a língua alemã, dentre outros, "O Grande Dicionário Alemão". Entre os contos mais conhecidos estão: O Príncipe Sapo, O Lobo e os Sete Cabritinhos, Rapunzel, João e Maria, O Alfaiatezinho Valente, Os Músicos de Bremen, Cinderela, O Pequeno Polegar, A Bela Adormecida, A Guardadora de Gansos e Chapeuzinho Vermelho.

Percebe-se, neste ponto, que alguns contos são comuns entre Perrault e os Grimms. Isto deve-se a origem de onde foram recolhidas as histórias: o "folclore europeu". Contudo, alguns estudiosos afirmam que os Grimms, tenham feito algumas viagens à França. O que nos leva a acreditar que a obra de Perrault possa ter sido uma das fontes de pesquisa dos irmãos.

Vários outros nomes vieram ilustrar a nascente Literatura Infantil, sendo interessante registrar Hans Christian Andersen, dinamarquês, que entre as suas obras tornou célebres, A Pequena Sereia e A Polegarzinha; Matthew J. Barrie, escocês, que imortalizou "Peter Pan"; Collodi, com a obra italiana de grande sucesso "Pinóquio" e Lewis Carroll com a curiosa história de "Alice no País das Maravilhas".

No Brasil, a Literatura Infantil teve seu início no fim do séc. XIX, quando o ensino tornou-se mais prático e menos "penoso", pautado nas idéias de reformadores como Rui Barbosa e Teodoro Moraes.

O primeiro livro publicado para crianças no Brasil intitulava-se "Contos da Carochinha" e data de 1894, apresentando uma coletânea de 40 contos

internacionais de autores como Perrault, Grimms e Andersen, traduzidos por Alberto Figueiredo Pimentel. (cf. CARVALHO, 1961. p.76).

Outras publicações ocorreram em 1915, O Patinho Feio, de Andersen, traduzido por Arnaldo Barreto; em 1918, A Filha da Floresta e 1919, Saudade (exaltação da vida campesina e da natureza), ambas de Thales Castanho de Andrade.

Entretanto, o maior nome da Literatura Infantil Brasileira é Monteiro Lobato. Sua obra é composta por 39 histórias em seqüência, formando 17 volumes, sendo o primeiro, "A Menina do Nariz Arrebitado", publicado em 1921.

Lobato criou um mundo mágico, porém mais perto da realidade das crianças brasileiras. Valorizou o folclore nacional, mas não desprezou os contos de fadas, as fábulas e a mitologia, abrangendo todos estes gêneros de forma simples e encantadora.

Mas Lobato não se esqueceu também daquele mundo clássico, cheio de surpresas e peripécias lendárias. Não ficou só nas Fábulas e não se limitou apenas ao delicioso sítio do Pica-pau e ao nosso folclore; não, Lobato deu também às nossas crianças o seu clima épico, heróico, ora conduzindo-as ao mundo fantástico da mitologia grega, ora trazendo ao seu fabuloso sítio e a elas esse mundo de aventuras e de poesia (CARVALHO, 1961, p.88).

1.3 O surgimento da infância

Apenas no séc. XVII a infância tem sua importância reconhecida como fase diferenciada e, portanto, com interesses, nível de intelectualidade e fragilidade biológica divergentes do adulto. Este aspecto toma corporificação com o fim da era feudal – durante a qual a sociedade vivia agregada em comunidades devido a graus de parentesco, dependendo da proteção do senhor das terras, a quem deviam favores e dívidas.

Destituída deste sistema, a sociedade voltou-se para um modo de vida mais privado, centrado na família, fazendo surgir a valorização do afeto entre seus membros. Este novo modelo familiar desenvolvido pela burguesia do século XVIII, via a infância como uma faixa etária diferenciada que tinha interesses e necessidades próprias e, precisava de uma formação específica. Deste modo, a escola fez suas reformulações para atender as exigências da nova sociedade, fazendo da Literatura um suporte para esta missão.

A ascensão da ideologia burguesa ao poder, no século XVIII, transforma as relações sociais. Retira o homem da sociabilidade anônima – a rua, a praça – para uma sociabilidade restrita: o lar, a família, acentuando a definição das esferas públicas e privadas, valorizando a família e suas relações afetivas, separando a infância da idade adulta. Estabelecendo, assim, novas regras para o comportamento educativo da criança [...] (DEBUS, 2006, p.25).

Uma dessas exigências era preparar as crianças para o enfrentamento do mundo maduro e promover a mediação com a sociedade, sendo estes os mesmos objetivos almejados pela família. Desta forma, podemos dizer que ambas instituições se complementavam, gerando um equilíbrio entre elas. A escola, antes facultativa e, a partir de então, obrigatória, assume as várias nuances da formação da criança, não só aquelas oriundas da classe burguesa, mas também os filhos dos proletariados.

A segunda instituição convocada a colaborar para a solidificação política e ideológica da burguesia é a escola. Tendo sido facultativa, e mesmo dispensável até o século XVIII, a escolarização converte-se aos poucos na atividade compulsória das crianças, bem como a freqüência às salas de aula, seu destino natural (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988, p.17).

A infância, agora centro da atenção dos adultos, “exigiu” ainda mais preparo desta nova sociedade para ser atendida em todos os aspectos necessários, intensificando ou fazendo surgir novas ciências como pediatria, pedagogia ou psicologia infantil. Também o mercado do nascente capitalismo, passou a produzir com interesse na criança, industrializando brinquedos e livros.

Se nesta nova sociedade o livro infantil ganha espaço no comércio capitalista, é necessário então que o público ao qual se destina saiba ler, cabendo a escola a tarefa de “colaborar” com o consumo, transformando as crianças em leitoras, viabilizando o acesso a literatura.

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988, p.18).

1.4 A literatura e a infância

Assim, concretiza-se a literatura para as crianças no Brasil e no mundo, rica em folclore, fantasias e encantamento. Existem aqueles que menosprezam a Literatura quando esta vem relacionada ao termo **Infantil**, desmerecendo o conteúdo da mesma como pueril e descartável. Contudo, este é um tipo de conceito, formulado sem o devido aprofundamento do que trata este gênero literário, de quem desconhece o maravilhoso ser que é a criança e o quanto uma literatura voltada para a infância tem de responsabilidade sobre o desenvolvimento da mesma.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...] (COELHO, 2000, p.27).

A literatura infantil é portal de passagem para a descoberta dos horizontes mais distantes. Através dela a criança imagina, cria, encontra, descobre e se encanta, adentrando em uma linguagem diversa de significados sobre o mundo no qual vive e sobre si mesma.

Entretanto, muitos são aqueles que vêem este gênero literário apenas como proposta pedagógica, conduzindo seus objetivos para a educação ou para criar hábitos de leitura.

Compreende-se, pois, que até bem pouco, em nosso século, a literatura infantil fosse encarada pela crítica como um gênero secundário, e fosse vista pelo adulto como algo *pueril* (nivelada ao brinquedo) ou *útil* (nivelada à aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta) (COELHO, 2000, p.30).

Uma história pode alcançar mais que isto quanto mais estiver distante destes objetivos. Concentração, informação, socialização, e muito mais, além de ajudar a criança a vencer conflitos internos que lhe causam angústias. Ao identificar-se com um personagem ou com uma situação apresentada na história, ela pode resolver conflitos interiores, pois são motivadas pela esperança de um final feliz.

A criança, que, ao longo da história, foi convidada a se identificar com um de seus protagonistas, não apenas é dada esperança como também é dito que, desenvolvendo a inteligência, poderá se sair vitoriosa até mesmo sobre um oponente muito mais forte (BETTELHEIM, 2007, p.64).

A literatura infantil é vista por muitos com um caráter escapista (que leva a criança a ver o mundo como perfeito e distante) ou doutrinador (impondo as regras adultas de comportamento), como sendo um instrumento de formação da criança que aliada a escola colabora com a sustentabilidade do “espelho da sociedade”.

O diferencial que se opõe a este embate é inerente a cada um de nós: a afetividade, a emoção, que se incorpora ao texto e nos dá significados individuais, que leva cada um ao seu próprio universo e pode nos livrar de uma visão escapista ou doutrinadora. Basta deixar que a nossa emoção dê o sentido ao texto que está sendo conhecido.

Ambas as propriedades citadas – a de projeção de uma utopia e a expressão simbólica de vivências interiores do leitor – não são necessariamente contraditórias, pois a visão do adulto pode se complementar e fortalecer com a adoção da perspectiva da criança. A contradição apresenta-se no momento em que a primeira opõe-se a segunda; contudo, é sob essa condição que a obra desmascara sua postura doutrinária e a decisão por educar (LAJOLO & ZILBERMAN, 1988. p.20.).

É importante que a infância seja vista como base de formação de atitudes e a literatura infantil como auxiliar desta formação. Não como impositora de regras ou alienadora da realidade. Mas, como a representação do real para sua reelaboração; sem conformismo, sem modelos de comportamento. E sim, com a riqueza de múltiplas visões surgidas do próprio texto literário, dando a criança a liberdade de fazer sua opção, fortalecendo sua criticidade, seu juízo de valor, independente de quem conta o conto.

A própria criança dá o seu significado ao texto e aprende com ele, dando-lhe um maior sentido, que está intimamente ligado como seu ser individual, com suas experiências e expectativas. Assim, o aprendizado que tanto busca a escola e que tanto deseja a família, será a alegria da criança que aprende pelo prazer de encontrar a sua vida e as respostas para ela na literatura infantil.

Ler é uma aventura na qual vamos defrontar-nos com algo que não está completamente claro, nem preciso. O desafio de descobrir o significado daquilo que está sugerido torna-se o prêmio para todos que se deixarem levar pelos prazeres da leitura (YUNES & PONDE, 1988, p. 144).

CAPÍTULO II

OS CONTOS DE FADAS

2.1 A Literatura e suas formas

Vários teóricos dividem a literatura em gêneros, sendo eles: *poesia, ficção e teatro*. Na poesia encontramos o “eu” sentimental. Na ficção, o “eu e o outro”, o mundo social, expresso pela prosa. No teatro, temos o “eu e a vida”, sendo o próprio homem o personagem, através da representação.

Assim, os gêneros literários nos trazem as vivências lírica, épica e dramática, por meio da poesia, da ficção e do teatro, uma arte construída pelo homem para o deleite de si mesmo e, em sua causa primeira, para compreender a própria existência.

Cada um destes gêneros ainda se divide em subgêneros, também chamados de formas básicas. Assim, elegia, soneto, ode, hino, madrigal, são subgêneros da poesia; conto, romance, novela, literatura infantil, formam a ficção; farsa, tragédia, ópera, comédia, caracterizam o teatro.

Ainda sobre os subgêneros da ficção, é importante destacar que estes, apresentam diversas categorias, que vão de acordo com a natureza do tema, como romance, novela, sátira, paródia, biografia e outros.

Dentro do gênero ficção, também encontramos uma diversidade de narrativas que descendem da origem dos tempos, definidas como *formas simples* : fábulas, apólogos, parábolas, alegorias, mitos, lendas, sagas, contos maravilhosos, contos de fadas e outros.

O que caracteriza essas formas é o seu surgimento espontâneo e anônimo, perpetuado pelos povos antigos através dos contadores de histórias, viajantes, povos emigrantes e, terminando por se tornarem folclóricas. A simplicidade singular destas narrativas acabou sendo absorvida e incorporada a Literatura Infantil.

Note-se, porém, que a literatura infantil ocupa um lugar específico no âmbito do gênero ficção, visto que ela se destina a um leitor especial, a *seres em formação*, a seres que estão passando pelo *processo de aprendizagem* inicial da vida. Daí o *caráter pedagógico* (conscientizador) que, de maneira latente ou patente, é inerente à sua matéria. E também, ou *acima de tudo*, a

necessidade de ênfase em seu *caráter lúdico* [...]. Aquilo que não divertir, emocionar ou interessar ao pequeno leitor, não poderá também transmitir-lhe nenhuma experiência duradoura ou fecunda (COELHO, 2000, p.164).

2.2 As diversas formas da Literatura Infantil

Uma das primeiras narrativas de que se tem registro, as *fábulas* contam histórias vividas por animais com características humanas (de comportamento), com a intenção de transmitir moralidades.

Mesmo tendo surgido no Oriente, a fábula teve melhor repercussão com Esopo, no Ocidente (grego, considerado o pai da fábula como gênero literário, séc. VI a. C.), mas foi com La Fontaine (poeta francês, considerado o pai da fábula moderna, que escreveu quase todas as suas obras entre 1664 e 1674) que a fábula foi realmente introduzida na literatura ocidental.

A fábula tem o seu diferencial na presença do animismo e, sobre seus personagens recaem símbolos de representação universal, como: o leão, símbolo da força, do poder e da realeza; a raposa, é a astúcia e a inteligência; o lobo, figura a falsidade e o mal.

As origens do simbolismo animal relacionam-se estreitamente com o totemismo e com a zoolatria. Desde os tempos mais remotos, tal simbolismo tem sido uma das invenções mais curiosas do homem, como expressão de seu conhecimento de mundo (COELHO, 2000. p.167).

O tempo, seja qual for, é sempre propício à fábula, pois ela configura uma reflexão sobre o comportamento do homem em sociedade e, usando suas personagens animais tem a capacidade de se adequar aos momentos históricos mais antigos e mais modernos.

O *apólogo* é uma narrativa curta que apresenta uma situação vivenciada por seres inanimados. Em um apólogo, objetos ou seres da natureza (como o vento, o sol) ganham vida e trazem "situações exemplares" para os homens.

As *parábolas* trazem um ensinamento moral e espiritual através de uma situação vivida por homens, animais ou ambos, por meio de comparações ou semelhanças com as atitudes humanas. As parábolas são muito presentes na Bíblia.

Na *alegoria* temos a presença de seres sobrenaturais, mitológicos, lendários. Neste tipo de narrativa existem duas perspectivas de interpretação: a do texto em si

e a do leitor. A alegoria pode ser encontrada em prosa ou verso, sempre apresentando um tom sério e elevado.

O *mito* surgiu com a necessidade do homem de entender e explicar o mundo. Em suas narrativas encontramos heróis, deuses e situações sobrenaturais, que tratam sobre a criação do mundo, do homem e das forças da natureza. Podemos dizer que, “do pensamento mitológico surgiu o pensamento religioso”, ou seja, a crença do homem na existência de um deus superior, criador de todas as coisas.

Ambos ligados a mesma necessidade: explicar a vida ou o mundo em que vivemos, o mito explica o pensamento do homem primitivo e a história explica o mito.

[...] E costume dizer-se que quando o homem *sabe*, ele cria a história e quando *ignora*, cria o mito. Na verdade, essas duas manifestações do pensamento e da palavra dos homens respondem a um mesmo desejo: a necessidade de explicar a vida ou o mundo (COELHO, 2000, p.170).

A *lenda* é uma forma de narrativa muito antiga, que ressalta os acontecimentos maravilhosos; o fantástico sobre o verdadeiro. Trata-se da tradição de um povo, com área geográfica determinada e tempo estabelecido. Se caracteriza pela antiguidade, persistência, anonimato e oralidade.

O *conto maravilhoso* é oriundo do Oriente, está sempre ligado a busca de riquezas, a satisfação do corpo e a conquista do poder. Este tipo de narrativa originou personagens fantásticos, que estão envolvidos em fenômenos que desafiam a lei da lógica, em profecias, em lutas entre o bem e o mal, em transformações e outros acontecimentos mágicos.

Os *contos de fadas* são de origem celta, e evidenciam características espirituais, enfatizando a existência de um além-vida, numa perspectiva sobrenatural, que busca a realização interior do homem. A presença das fadas representa esta realização, através de seus poderes mágicos, agindo e interagindo no destino humano.

Limitado pela materialidade do seu corpo e do mundo em que vive, é natural que o homem tenha desejado sempre um ajuda mágica. Entre ele e a possível realização de seus sonhos, aspirações, fantasia, imaginação [...] sempre existiram *mediadores* (fadas, talismãs, varinhas mágicas [...]) e *opositores* (gigantes, bruxas ou bruxos, feiticeiros, seres maléficos[...]) (COELHO, 2000, p.173).

2.3 As fadas

A palavra “fada “ vem do latim “*fatum*” e significa destino, fatalidade. O termo nos leva a concluir que a fada tem o poder de interferir no destino dos mortais. As fadas são descritas como mulheres de grande beleza, mesmo as malvadas revelam esta característica.

Um conto, pode ou não, ter como personagens, as fadas. As reais características de um conto de fadas não se centram mais neste aspecto, mas sim, no seu teor fantástico. Assim, os contos maravilhosos acabam por ser considerados como “conto de fadas”. Os contos deste gênero têm em comum uma narrativa curta e são oriundos da tradição oral, neles o bem sempre triunfa sobre o mal.

Os primeiros registros de contos com a presença das fadas surgiram entre os povos celtas - fixados na Gália, Ilhas Britânicas e Irlanda, séc. II a. C./séc. I da era cristã – que deram origem as novelas de cavalaria medieval do Ciclo Arturiano (O Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda).

Contudo, sua origem é incerta, sendo possível acreditar que tenha surgido no estágio em que o “pensamento mágico” dominava a humanidade. As fadas são as mediadoras entre os homens e a realização dos seus sonhos, uma solução para superar seus limites físicos e materiais, buscando alcançar o sucesso ou a felicidade.

2.4 Os contos de fadas e a infância

Ao tentar desvendar os mistérios do mundo que a rodeia, a criança se enche de questionamentos e mergulha nos mais diversos devaneios imaginando respostas possíveis as suas mais diferentes indagações.

O motivo de sua existência e como ela se deu; o que são todas as coisas e quais suas serventias; o que as pessoas (principalmente seus pais) sentem quando ela não está presente e outras perguntas, são formuladas inconsciente ou conscientemente (a depender de seu estágio de desenvolvimento) no íntimo da criança.

Prosseguindo nessa ordem de idéias, torna-se fácil compreender porque a literatura foi usada, desde as origens, como *instrumentos de transmissão de valores*. Tendo em vista as peculiaridades da mente popular (rudimentar) e

da infantil (imatura), compreende-se que a *linguagem poética* (ou literária em geral) tivesse sido utilizada, desde os primórdios (através de rituais, por exemplo), para transmitir *padrões de pensamento* ou *de conduta* às diferentes comunidades (COELHO, 2000, p.43).

Além destes profundos questionamentos, a infância está permeada de sentimentos contraditórios, um ir e vir constante entre amor e ódio, tristeza e alegria, satisfação e insatisfação, confiança e insegurança, entre outras dualidades.

A criança pode amar e odiar seus pais em situações distintas de agrado e desagradado que justificam este "sentir". Quando é punida por algo ou se sente contrariada ela odeia os pais, mas se recebe agrados ou sente-se satisfeita, ela os ama. O que vale para a criança é a situação que ela vive no presente, portanto, o sentimento que experimenta naquele momento.

Um outro aspecto está relacionado as emoções que imperam na infância, – visto que a criança ainda não apresente um pensamento baseado na racionalidade – medo de perder o amor de seus pais, se não os próprios pais; a rivalidade entre irmãos; as angústias edipianas e outras situações, colocam a criança diante de difíceis experiências com seus sentimentos, que geram as mais diferentes impressões de si mesma, desde heroína até vilã.

Justamente porque a vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos (BETTELHEIM, 2007, p.12).

É dentro deste quadro, numa guerra de contradições emocionais que a criança é inserida na vida social. Muitos pais e professores acabam por nomear estes sentimentos como "feios ou bonitos", só restando a criança aceitar o que lhe é dito, sem questionar, mediante a "força da certeza adulta".

Diante de tantas opções o conto de fadas é o que atende claramente as expectativas e necessidades da infância, pois vão de encontro a sua linguagem e ao seu pensamento.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas dificuldades mas, ao

contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confiança da criança em si mesma e em seu futuro (BETTELHEIM, 2007, p.11).

Mesmo tendo sido escrito há anos atrás, estes contos populares ajudam a criança a se preparar intimamente para o enfrentamento e adaptação a sociedade, lhes possibilitando a identificação de si mesmo e do outro, em problemáticas de convivência possíveis a sua faixa etária além de atenderem aos medos e incertezas causadas por estes aspectos. Os contos maravilhosos e de fadas trazem significados ímpares para cada pessoa, dependendo dos sentimentos que vivenciam a cada tempo. As características e atitudes dos personagens vão de encontro ao íntimo de quem ouve (ou lê) estas histórias, e o mesmo ocorre com as situações-problema apresentadas.

Ao chegar a solução da trama, o texto maravilhoso alivia e fortalece o ouvinte (leitor), deixando clara a mensagem de que tudo que o aflinge terá um fim.

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2007, p.15).

Nos mitos, os heróis são sempre deuses ou semi-deuses, dotados de poderes divinais. A problemática é quase sempre um castigo aplicado aos mortais e o seu final, normalmente é trágico ou tem seus personagens arrebatados aos céus para lá viverem.

[...] Colocado de forma simples, o sentimento dominante que um mito transmite é: isso é absolutamente singular; não poderia ocorrer com nenhuma outra pessoa, ou em qualquer outro cenário; tais acontecimentos são grandiosos, inspiram admiração e não há possibilidade de que pudessem se dar com um mortal comum como você ou eu (BETTELHEIM, 2007, p.53)

Nas fábulas, nas quais as moralidades explícitas apenas indicam que não há retorno quando se faz a escolha errada, os personagens “faltosos” são deixados em situação vergonhosa. Não havendo chance de se arrepender e fazer nova tentativa.

[...] A mensagem de que uma pessoa não deve desistir, apesar de insucessos iniciais, é tão importante para as crianças que está contida em muitas fábulas e contos de fadas. A mensagem produz efeito quando apresentada não como uma moral ou exigência, mas de um modo casual que indica que é assim que a vida é (BETTELHEIM, 2007, p.47).

Para a criança, que sofre com suas angústias interiores, não é de todo positivo ouvir apenas mitos, pois a levaria a esperar um desfecho trágico para seus problemas e, como não é um deus ou filho de um, “não seria levado aos céus para viver no Olimpo” (morada dos deuses, segundo a mitologia grega). Já algumas fábulas passam a idéia de que se errarem, será irreversível, não havendo outra oportunidade, e aumentaria sua insegurança quanto a tomada de decisões.

Os contos de fadas, no entanto, sugerem personagens mais parecidos com a realidade da criança. Reis, rainhas (em sua maioria anônimos), jovens princesas, príncipes – podendo aqui representar pai, mãe, filhos – pessoas que correm riscos, que não se destacam porque erraram, mas porque não desistiram de continuar acreditando e buscando a solução para uma vida melhor.

[...] Quaisquer que sejam os acontecimentos estranhos que o herói do conto de fadas vivencie, eles não o tornam sobre-humano, como ocorre com o herói mítico. Essa humanidade real sugere à criança que, seja qual for o conteúdo do conto de fadas, ele não é mais do que elaborações e exagerações fantasiosas das tarefas com que ela tem que se defrontar, e dos seus medos e esperanças (BETTELHEIM, 2007, p.57).

Com isso não há pretensão de afirmar que as outras formas de texto da Literatura Infantil não devem ser apresentadas às crianças. Mas, que um só tipo de texto limita o desenvolvimento do pensamento infantil e mais tarde, na vida adulta, os reflexos desta restrição podem vir a aflorar.

A criança que cresce ouvindo histórias, as mais variadas e, principalmente, contos de fadas, consegue organizar com mais facilidade o caos interno em que seus pensamentos estão mergulhados, lhe ajudando em sua luta para dominar os sentimentos dos quais ela tem medo, por intermédio da relação entre seus desejos interiores e a história narrada (ou lida).

Os textos que abordam a realidade e são impostos cruamente à infância, pode acarretar sérios danos, principalmente, no final da adolescência, como afirma Bettelheim (2007):

[...] por não terem tido um período de crença na magia, ficarão incapacitados para enfrentar os rigores da vida adulta. Muitos jovens que hoje repentinamente buscam a fuga em sonhos induzidos por drogas, tornaram-se discípulos de algum guru, acreditam em astrologia, envolvem-se em prática de “magia negra”, ou de que alguma outra maneira fogem da realidade em devaneios sobre experiências mágicas que deverão mudar as suas vidas para melhor, foram prematuramente pressionados a encarar a realidade de uma forma adulta (BETTELHEIM, 2007, p. 74).

Nisto não se afirma que a criança deve ficar submersa em um mundo irreal sem contato com a realidade. Todo texto literário acrescenta algo ao conhecimento humano, e aqueles que abordam o mundo real com seus acontecimentos e características também são importantes para a infância. Mas, é válido ressaltar que, este tipo de texto é desconexo com o modo de pensamento infantil e pode deixar lacunas em seu entendimento, pois para absorver a realidade, tal como é, a criança precisa usar de total abstração. Aspecto que não está completamente desenvolvido nesta faixa etária.

Os textos realistas enriquecem o conhecimento da criança, que pode retirar dele algo interessante ou de valor relacionado com sua vida, mas não atendem as suas necessidades imediatas.

É nesse sentido que os contos de fadas vão de encontro a infância, preenchendo espaços, organizando pensamentos, dando a criança o controle sobre suas emoções.

Histórias "verdadeiras" sobre o mundo "real" podem fornecer alguma informação interessante e frequentemente útil. Mas, o modo como estas histórias se desenrolam é tão alheio ao modo como funciona a mente da criança pré-buscente quanto são os eventos sobrenaturais do conto de fadas em relação ao modo como o intelecto maduro compreende o mundo (BETTELHEIM, 2007,p.79).

Alguns pais proscvem os contos de fadas das vidas dos filhos, temendo suas violências e a existência de monstros como ogros, dragões, bruxas e outros. Um outro aspecto desta retirada dos contos de fadas da vida infantil, foi justificada pelo medo de enfrentar as perguntas das crianças sobre mentira e verdade. Porém, o mais intrigante desta repulsa por este tipo de narrativa está relacionada a possibilidade da criança relacionar a figura dos seus genitores com os personagens maus, como: gigantes, bruxas ou trasgos, mediante suas atitudes para com as mesmas.

Toda essa reviravolta acerca de narrar ou não contos maravilhosos ocorreu exatamente na mesma época em que a Psicanálise apontou estudos sobre o desenvolvimento da mente infantil. De acordo com estes estudos, a criança não era dotada de inocentes pensamentos de amor, mas também se nutria de desejos destrutivos e raivosos.

Sobre a violência e os personagens "monstruosos", estes funcionam como um cano de escape para os pensamentos angustiantes de agressividade e ódio sentidos

pela criança. É através da punição dos vilões que se encontra um fim (um domínio) para aquilo que não se deseja sentir. Não é negando a existência da violência e das pessoas más que vamos manter as crianças longe deste tipo de sentimento. Entretanto, esta é a opinião de vários estudiosos da Literatura Infantil, entre eles, destaca-se Carvalho (1961), que afirma:

[...] Assim, poderemos eliminar as contingências chocantes que se encontram em alguns contos infantis. O mesmo fazendo com as horrorosas e assustadoras personagens que povoam antigas estórias, como as bruxas, a morte, os ogres, cheias de feiúra física e maldade moral, impregnando o espírito infantil dessas imagens materiais e morais tão pouco construtivas.

Os contos de fadas ajudam as crianças a lidar com eles. É como se pudéssemos ver nossa “agressividade e ódio” no personagem de um dragão e, ao ouvirmos na história que este foi derrotado pelo príncipe, sabemos que também poderemos derrotá-lo dentro de nós.

Aqueles que proscreeveram os contos de fadas tradicionais e populares decidiram que, caso houvesse monstros numa história narrada a criança, deveriam ser todos amigáveis – mas esqueceram-se do monstro que a criança conhece melhor e com o qual se preocupa mais: o monstro que ela se sente ou teme ser, e que também algumas vezes a persegue (BETTELHEIM, 2007, p. 172).

Como já foi relatado, o temor sentido pelos pais de serem relacionados aos personagens maus e a não aceitação por parte destes de que seu filho(a) seja capaz de sentir ódio, além do amor infinito, causou um afastamento ainda maior entre as crianças e os contos de fadas.

Uma vez que a culpa da identificação dos genitores com os maus personagens é atribuída aos contos que a criança ouviu, retira-se dos pais a preocupação inquietante de que seus filhos pequenos e inocentes, são tão capazes de odiá-los quanto amá-los. Sem levar em consideração que os sentimentos das crianças estão veiculados ao que as mesmas vivenciam interna e externamente.

Na verdade, a exposição ao conto maravilhoso, vai auxiliá-la a entender que mesmo odiando e amando seus pais, o final dará a todos a felicidade necessária.

Assim, o conto de fadas sugere como a criança pode lidar com os sentimentos contraditórios que, de outro modo, a esmagariam nesse estágio em que a habilidade para integrar emoções contraditórias está apenas começando. A fantasia da madrasta má não só conserva intacta a mãe boa, como também impede os sentimentos de culpa em relação aos pensamentos e desejos coléricos a seu respeito – uma culpa que interferiria seriamente na relação com a mãe (BETTELHEIM, 2007, p. 100).

No que concerne as perguntas sobre a veracidade dos fatos narrados em um conto, é válido afirmar que basta lhe assegurar que "aquilo" não aconteceu no "agora" mas, em um "tempo e terra" longínquas. E que em alguns casos, a pergunta: "isso é verdade?", pode vir a ter outros significados, ligados a expectativas inconscientes da criança, como ter certeza do certo e do errado.

O conto de fadas é a maneira mais segura de trabalhar com as emoções e anseios infantis, mesmo aqueles mais difíceis como ódio e agressividade, dando às crianças soluções felizes que sozinhas não poderiam encontrar.

E, o mais importante de tudo, uma vez que o conto de fadas garante um final feliz, a criança não precisa ter medo de permitir que seu inconsciente aflore em sintonia com o conteúdo da história, porque ela sabe que, seja lá o que possa vir a descobrir, "viverá feliz para sempre" (BETTELHEIM, 2007, p. 45).

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Percurso metodológico

Após as leituras e o conhecimento de variadas informações e/ou opiniões acerca do tema em destaque, apoiando-se em autores e estudiosos, seria necessário, ainda, investigar a vivência do mesmo nas escolas de séries iniciais. Para um trabalho objetivo e eficaz, faz-se necessário a escolha de bons instrumentos de pesquisa, sendo imprescindível, a observação, pois de acordo com Matos (2001, p. 58):

A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer o registro.

Assim, as pesquisas foram realizadas em três escolas, do município de Cajazeiras – PB, em séries com crianças entre 4 e 5 anos:

*Creche Nossa Senhora dos Remédios.

R. Leonardo Rolim, nº 29.

Bairro dos remédios.

*E. M. E. I. F. Matias Duarte Rolim.

R. Antônio Félix, s/n.

Bairro dos Remédios.

*E. M. E. I. F. Costa e Silva.

R. Severino Cordeiro, nº186.

Bairro Jardim Oásis.

3.2 Questionário

Para adentrar na concepção da importância que as escolas dão ao contato que as crianças devem ter com a literatura infantil, foi utilizada como técnica investigativa o “questionário”, na qual os investigados respondem por escrito a um formulário, com questões entregues, pessoalmente, pelo investigador.

O mesmo questionário foi entregue a três professoras, sendo uma de cada escola, com questões que diziam respeito ao tema, registrando aqui, que as mesmas demonstraram certo receio em recebê-los, contudo, assumiram o compromisso de responder e devolver no prazo combinado.

3.3 Grupo Focal

Tendo em vista a pouca idade das crianças envolvidas no trabalho, a opção para pesquisa foi o “grupo focal”. Segundo Matos (2001, p. 63):

[...] é uma técnica de entrevista em grupo que busca coletar informações dos sentimentos e opiniões dos investigados, sobre uma determinada questão. Alcança maior número de pessoas num menor tempo, e aprofunda o tema em função das diversas opiniões. Pode ser também utilizado para promover a interação entre os membros de um grupo.

Foi notória a eficácia do método investigativo, com as diversas opiniões e o debate que se instaurou em algumas ocasiões, acerca de suas preferências por determinados contos ou suas justificativas diante de concordar ou não com os colegas.

3.4 Análise do questionário dos professores

Em todas as escolas visitadas percebeu-se o interesse em demonstrar que a literatura infantil faz parte das atividades diárias das crianças. De modo que, as histórias infantis são narradas com regularidade e aplicadas dentro de um contexto que as relacione com os conteúdos trabalhados.

Os questionários foram aplicados no mês de outubro (2008), antes da realização da pesquisa com as crianças, e continham perguntas relacionadas ao

trabalho desenvolvido pelas escolas, mais especificamente pelas professoras, com a literatura infantil

Diante do questionamento: “Você costuma narrar histórias para as crianças? De que tipo (contos, mitos, fábulas[...])?”, obteve-se as seguintes respostas:

*Professora A: “Sim, costumo trabalhar com todos eles (tipos), dependendo dos temas abordados.”

*Professora B: “Sim. Contos.”

*Professora C: “Sim, de todos os tipos.”

Como professores não podemos deixar findar a arte de contar histórias. Se morreram as rodas em torno da fogueira, do fogão à lenha, nas noites enluaradas de verões longínquos, não feneceu a sedução do contar e ouvir histórias. Precisamos restituir seu espaço. Vivemos numa corrida contra o tempo, os pais ocupados com seus afazeres profissionais ou despreparados, e a escola com um currículo pragmático não privilegia o contar histórias. Mas sempre há tempo para o “tempo de contar histórias” e fazer com que esta arte não se perca no tempo (DEBUS, 2006, p.75).

Neste ponto percebe-se que as narrativas são variadas, contudo, os contos, ainda, são mais lidos para as crianças, fato que torna-se evidente na análise do *grupo focal*, mais adiante.

Ao serem perguntadas pelas metodologias adotadas para estes momentos (recursos ou procedimentos), citaram diversas atividades, como: leitura de livros, dramatizações, rodas de conversa, cineminhas, músicas e gravuras seqüenciadas.

“Todos os recursos renovam e tornam interessantes o momento da leitura”, segundo as professoras, “além de estimular a imaginação e favorecer a aprendizagem”.

A leitura oral ou a contação de histórias são estratégias válidas, desde que o professor diversifique a sua prática pedagógica, não se apoderando de uma única estratégia como se uma fosse melhor que a outra (DEBUS, 2006, p.76).

A indagação sobre qual o comportamento das crianças durante a narrativa fizeram surgir palavras como “interesse e motivação”, acrescentando, ainda:

*Professora A: “Eles interagem comigo”.

*Professora B: “Tentam descobrir como será o final”.

*Professora C: “Eles gostam”.

As histórias infantis encantam a criança porque “mexem” e adentram um mundo particular, só dela. É sua realização interior que ela escuta na narrativa da professora.

A magia de uma boa história reside justamente em sua capacidade de arrebatá-lo, de nos transportar para outro tempo e espaço, de nos fazer sonhar, de nos fazer crer que somos capazes de realizar a nossa lenda pessoal de forma tão competente e bem sucedida quanto suas personagens (CHALITA, 2005.p.63).

Numa outra pergunta: “Em algum momento as crianças tem contato (manuseiam/lêem) com livros infantis?”. As professoras afirmaram que sim e justificaram que o objetivo desses momentos é de:

*Professora A: “[...]passar informações e sair da rotina tradicional”.

*Professora B: “[...]estimular o desenvolvimento da interpretação e leitura, e valorizar e incentivar a capacidade de relatar fatos, promovendo conversas dirigidas”.

Embora o contato com o livro infantil traga um número muito maior de benefícios à formação da criança, nenhuma professora preocupou-se com o prazer, a narrativa para o deleite é um objetivo secundário mediante a aquisição da leitura da escrita, da interpretação por meio do intermédio adulto, o relato de fatos, as informações importantes (a partir do jugo do professor) e vários outros ligados a gramática ou ortografia. O mais importante é adquirir as habilidades daquele nível ou série (ou idade), os sentimentos ou experiências vivenciadas em um conto infantil tem mínima conotação. Diante deste fato, Bettelheim afirma:

A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida (BETTELHEIM, 2007, p. 11).

Só diante do questionamento sobre a importância da narrativa de histórias infantis para crianças é que algo relacionado a “descobertas e superação de dificuldades” é citado pelas professoras, todavia, ligadas apenas a aprendizagem:

*Professora B: “[...]é nessa fase que a criança age no processo de conquistas e novas descobertas [...] é necessário que o professor crie novas narrativas com muitas variações para que as dificuldades sejam superadas pelos educandos”.

*Professora C: “[...] é através das histórias que os alunos adquirem conhecimento de forma lúdica [...]”

Como consideramos que a literatura não seja mera manifestação de erudição, e sim um dos recursos capazes de nos levar à reflexão sobre os conflitos sociais e psicológicos do homem, o namoro entre texto e o leitor precisa ser despertado desde a mais tenra infância, com a ajuda de todos os meios, dentro e fora da escola (YUNES & PONDÉ, 1988, p.9).

É neste contexto, inserida na dinâmica da aprendizagem, que a literatura infantil tem seu espaço na escola. Como instrumento de aprofundamento de conteúdos, fato que não lhe tira prestígio, entretanto, torna pouco importante a sua característica mais convidativa a infância: o prazer de se encontrar dentro do texto.

Talvez porque a literatura seja uma arte que tem seu suporte material legitimado pela/na escrita e sua fruição se dê pela leitura desse código, a sua prática é pouco refletida na Educação Infantil. Ou melhor, pode-se dizer que duas atitudes se pronunciam: uma que segue à risca a prática da escola, tomando a literatura como possibilidade de alfabetização e inserção de conteúdos curriculares, principalmente junto às crianças de pré-escola; e outra que restringe à atividade de contar histórias, essa mais vinculada com a oralidade do que com o texto escrito, esquecendo-se completamente da mediação pelo objeto livro (DEBUS, 2006, p.19).

3.5 Análise do grupo focal

Assim como já foi abordado, a alternativa pelo grupo focal, proporcionaria a pesquisa um debate, “um diálogo”, acerca do tema, favorecendo a integração entre as crianças participantes.

As três escolas foram visitadas em dias diferentes do mês de outubro de 2008. Para a realização da pesquisa, foram formados grupos com 7 a 10 crianças, com idades entre 4 e 5 anos. Cada grupo foi convidado a sentar junto e em círculo para a explanação de como seria realizada a atividade: questionamentos sobre histórias infantis.

Ao iniciar com a pergunta: “Vocês gostam de ouvir histórias?”, todos responderam positivamente, justificando:

*Grupo 1: “Por que tem lobo mau, princesas, são bonitas[...].”

*Grupo 2: Não justificaram.

*Grupo 3: “Por que é bom, tem lobo e princesa..”

As crianças dos grupos 1 e 3 mostraram-se interessadas, enquanto as do grupo 2 demonstraram timidez, só conseguindo participar após o incentivo da professora.

É mais do que natural que as respostas sejam positivas, e a identificação dos seus personagens favoritos mais do que esperada. Isso justifica-se pelo poder de encantamento que estas narrativas tem sobre as crianças, como se falassem com e para elas.

O conto de fadas procede de um modo conforme àquele segundo o qual a criança pensa e experimenta o mundo; é por isso que ele é tão convincente para ela. A criança pode obter um conforto muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para confortá-la baseado em raciocínios e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto de fadas diz porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua (BETTELHEIM, 2007, p.67).

No segundo questionamento, houve grande excitação nos grupos 1 e 3, cada criança queria dizer "qual sua história preferida". Entre as mais citadas destacam-se:

- *Os Três Porquinhos;
- *Chapeuzinho Vermelho;
- *Branca de Neve;
- *Cinderela;
- *João e o Pé de Feijão.

A preferência das crianças pelos contos de fadas vem a reafirmar a sua identificação pessoal com os mesmos, motivo pelo qual os momentos das narrativas se tornam tão prazerosos.

Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos (BETTELHEIM, 2007, p.20).

É válido destacar que vários episódios de TV e filmes infantis (Pica-pau, Homem-aranha e outros) foram citados pelas crianças, ressaltando que a leitura tem um forte adversário na televisão, fazendo o incentivo ao hábito de ler, ainda, mais difícil. Contudo, torna-se um coadjuvante importante se for utilizado com fins culturais que levem seus telespectadores a se verem como leitores, incentivando-os a prática da leitura, deixando de produzir a massificação pelo consumo.

A leitura e a literatura não agonizam em decorrência dos meios de comunicação eletrônica. Muito pelo contrário, eles podem ampliar-lhes o espaço, desde que sejam mais culturais e menos comerciais (YUNES & PONDE, 1988, p.52).

No grupo 2, apenas duas crianças citaram contos: "Os Três Porquinhos e Chapeuzinho Vermelho", destacando o personagem do "Lobo Mau".

Diante da questão : "Quem tem livro de história infantil em casa?", obteve-se o seguinte quadro:

*As crianças do grupo 1 responderam positivamente em sua maioria;

*O grupo 2 respondeu negativamente;

*Apenas algumas crianças do grupo 3 afirmaram ter livros em casa.

Deste modo, torna-se clarividente, que o acesso aos livros infantis continua sendo proporcionado pela escola, e que os pais preferem presentear os filhos com brinquedos e não com livros ou, simplesmente, desmerecem estes últimos, privando-lhes dos benefícios do contado com uma boa leitura.

Ao serem questionados sobre a participação dos pais ou familiares nas narrativas de histórias infantis, algumas crianças dos grupos 1 e 3 disseram ouvir contos narrados pela mãe ou pai. No grupo 2, a resposta foi negativa. Contudo, todos os grupos enfatizaram que gostam mais das narrativas das professoras, "pois elas tem livros, figuras e outras coisas".

O grupo 2 mostrou-se tímido, enquanto os grupo 1 e 3 interagiram facilmente, dialogando e trocando opiniões. Mediante os dados colhidos, percebeu-se que as crianças dos grupos que se destacaram tem mais contato com histórias infantis que o grupo 2, que teve menos acesso a esse tipo de atividade, o que por conseguinte, pode ter lhes causado o acanhamento e o receio em participar.

O despertar do interesse pelos livros passa obrigatoriamente pelos primeiros anos de escolarização. As crianças que não puderem beneficiar-se desse estímulo estarão certamente prejudicadas em relação às demais que, pelo meio familiar e escolar, descobriram a leitura. Assim os adultos têm um papel decisivo na iniciação que poderá transformar-se em prazer ou desprazer quase que definitivos (YUNES E PONDÉ, 1998, p.56).

A participação dos pais e o incentivo dos professores ao hábito da leitura é essencial para as crianças pequenas. É partindo da importância que seus pais e professores dão as histórias infantis que a criança começa a caminhar na construção do desenvolvimento intelectual e afetivo.

Muito dessa beleza e dessas qualidades da infância é adquirido e aprimorado por meio das histórias que , quando crianças, ouvimos de nossos familiares – pais, mães, avôs, avós, tios e tias – e professores. Histórias que também chegam por leituras, filmes desenhos animados,

peças de teatro. Sem o passaporte mágico dessas narrativas, é difícil conceber viagens, aventuras, conquistas, temores, medos, receios imaginários fundamentais ao nosso desenvolvimento intelectual e emocional (CHALITA, 2005, p.9).

3.6 Impressões da narrativa

Após o questionamento com as crianças, foi sugerida a narração de um conto. Todos os grupos concordaram com entusiasmo, exceto o grupo 2, que ficou em silêncio e apenas algumas crianças assentiram positivamente com a cabeça. Usando um livro ilustrado, iniciou-se a narrativa do conto: "A Princesa e o Sapo" (livro de coleção popular).

O grupo 1 ouviu atentamente e pediu para ver as gravuras apreensivamente. Uma das crianças retirou-se da atividade no início da narrativa, mas voltou logo ao seu lugar, espontaneamente, demonstrando curiosidade. Ao final da narrativa pediram que a história fosse recontada e mostraram-se gratos pelo momento que lhes foi proporcionado.

Só ouvindo repetidamente um conto de fadas e tendo-lhe sido amplamente dado tempo e oportunidade para se demorar nele é que uma criança é capaz de aproveitar na íntegra o que a história tem a lhe oferecer no que diz respeito à compreensão de si própria e de sua experiência de mundo (BETTELHEIM, 2007, p.85).

O grupo 2 ficou muito quieto, demonstrando timidez. Duas crianças disseram conhecer a história e, surpreendentemente, uma delas revelou o desfecho do conto antes do final.

O grupo 3 foi o que apresentou melhor capacidade de concentração. Mostraram-se, também, ansiosos para ver as gravuras do livro e, solicitaram, várias vezes, a recontagem do conto.

O mais interessante, porém, é que todos os grupos, inclusive o 2, souberam completar (oralmente) a frase final da história: "[...]e viveram felizes para sempre!".

O conto de fadas é apresentado de um modo simples, despretensioso; nenhuma solicitação é feita ao ouvinte. Isso impede que até a menor das crianças se sinta compelida a agir de maneiras específicas, e ela nunca é levada a se sentir inferior. Longe de fazer solicitações, o conto de fadas reassegura, dá esperança para o futuro e oferece a promessa de um final feliz (BETTELHEIM, 2007, p.37).

3.7. Caracterização da escola (estágio)

A Creche Nossa Senhora dos Remédios é situada à rua Leonardo Rolim, nº 29, na cidade de Cajazeiras – PB. Foi fundada em 1981 e funciona, atualmente, sob a responsabilidade das Antigas Alunas Dorotéias.

Hoje, em seu quadro demonstrativo de servidores, encontram-se: 10 docentes, 10 monitores, 01 gestora, 01 vice-gestora, 01 coordenadora, 02 merendeiras, 04 auxiliares de serviços gerais, 02 vigilantes.

Em seu espaço físico, além de organização e conservação, existem 05 salas de aula, 01 refeitório, 01 cozinha, 01 dormitório coletivo, 02 banheiros, sala de recepção, secretaria e jardim interno.

A creche funciona em regime de semi-internato, manhã e tarde, das 07 às 17: horas e recebe crianças de 0 a 05 anos, tendo no presente ano, 93 crianças matriculadas.

3.8 Análise do estágio

Diante de todo o conhecimento abordado nos itens e capítulos anteriores, tendo como base as afirmações dos autores citados, eis que se inicia a parte fundamental deste trabalho: aplicar em sala de aula a teoria aprofundada. E é dentro deste processo que se busca as certezas para pesar os erros e os acertos em relação ao tema: “Contos de fadas: o significado do prazer de ler”.

A turma escolhida para o trabalho foi sugestão da coordenadora que justificou-se dizendo que “aquelas crianças precisam de algo diferenciado”. Eram 12 crianças, sendo 6 meninas e 6 meninos, que formavam um quadro de vida semelhantes, com problemas familiares, principalmente com a figura do pai.

A proposta do projeto era de contagem e recontagem de contos, sendo estes os fios condutores de toda a aula, havendo para eles momentos privilegiados e ambientes adequados. Para a contagem, o uso do livro, para a recontagem, um material diferente: maquetes, fantoches, DVD, bonecos de dedos, e outros.

Alguns dos contos são originais dos Irmãos Grimm, tendo por tradutora a escritora Tatiana Belinky, em sua obra “Contos dos Grimm”, outros foram selecionados do livro “Contos Maravilhosos”, com textos de Marie Durval.

Diante do planejamento proposto para cada conto, bem como sua recontagem, destacamos apenas as atividades mais significativas, durante as quais fizemos as observações, mais importantes. Já que o principal objetivo com o projeto era vivenciar os contos de fadas na sala de aula, não deixando que as preocupações com os conteúdos a serem ministrados tirassem o prazer dos ouvidos de se degustar com uma boa história.

Toda hora é hora para contar e ouvir histórias[...] O que não propomos e desaconselhamos é a motivação, todo um planejamento e busca de estratégia para que a contação seja utilizada num curto período de tempo ou prensada entre horários, como antes do "soninho", depois da Educação Física ou no horário de espera dos pais, como forma de aquietar (DEBUS, 2006, p.87).

Para os momentos da narrativa o ambiente era preparado com almofadas arrumadas em círculo, para que as crianças se acomodassem deitadas ou sentadas, acompanhando as ilustrações do livro.

Logo após cada conto um diálogo era estabelecido, abordando os pontos mais importantes, destacados pelas crianças. Desde já, adiantamos que nos primeiros encontros, o diálogo teve de ser iniciado pela professora, mas, com a convivência e a confiança estabelecida, isso se tornou natural para o grupo.

O ato de contar ou ler uma narrativa pode ser realizado em qualquer espaço e em qualquer momento, bastando para isso que existam aquele que conte e aquele que ouça. No entanto, no ambiente da Educação Infantil, em que se pensa tanto na importância do aspecto físico e a sua organização, seria importante apresentar à criança, em sua formação leitora, uma maneira mais prazerosa de estar com a leitura, para que mais tarde consiga administrar os outros protocolos de leitura, mais sisudos (DEBUS, 2006, p.84).

O primeiro encontro com as crianças objetivava a explicação do trabalho a ser realizado e os motivos pelos quais foi feita a escolha do tema, contos de fadas. Mesmo na sua tenra idade (4 a 5 anos), a proposta foi acolhida com alegria, diríamos até, com entusiasmo.

A euforia tomou conta das crianças ao entrarem em contato com os materiais apresentados para o trabalho – as almofadas e o livro, para a narração do conto: Chapeuzinho Vermelho, tirado de dentro de uma grande caixa decorada, na qual também estava o restante do material para o desenvolvimento da aula.

Neste ponto, destaca-se a curiosidade "indisciplinada" das crianças que se mostraram impacientes e ansiosas à manusear o material apresentado, gritando,

correndo, desorganizando o ambiente e quase, destruindo a caixa, sendo necessário o auxílio das professoras e coordenadora para que se instaurasse a ordem.

Com todas as crianças sentadas, e em círculo, iniciou-se o conto. Um verdadeiro reviravolta ocorreu neste momento, só se percebia silêncio, atenção e expectativa, além dos olhos ávidos pelas ilustrações coloridas. Em seus rostos era possível perceber o medo, a alegria e o alívio, num total envolvimento com a narrativa.

Contudo, o que despertou nossa atenção foi o interesse, de algumas crianças, pelo Lobo Mau, dizendo: "-Cadê o lobo?"; "-Ele morreu?"; "-Deixa eu ver o lobo?". E ao pedirem para que o conto fosse narrado novamente, nomeavam o conto dessa maneira: "-Conta de novo a história do Lobo Mau?"

Outro aspecto a ser relatado é que quando a história chegou ao fim, todas as crianças abandonaram as almofadas e saíram correndo da sala de aula, fazendo-se necessário, mais uma vez, que as professoras ajudassem com seu retorno à sala, e às atividades pudessem ser continuadas.

Com o conto Chapeuzinho Vermelho, foi possível trabalhar os conteúdos: - cores primárias e secundárias e, -noção de espaço:perto/longe. Outros conteúdos como: -oralidade; -coordenação motora; -nome próprio; -expressão corporal; foram trabalhados todos os dias dentro dos contos, entretanto, destacamos apenas os mais específicos de cada conto para descrever neste capítulo.

A atividade com as cores primárias usando tinta deixou as crianças muito animadas, e mesmo com o receio da professora titular de que a tarefa não ocorresse como esperávamos, deixamos que utilizassem as tintas livremente, misturando-as, para que a obtenção de novas cores, neste caso, as secundárias. As crianças se admiravam com o surgimento das cores em suas misturas, sendo este um momento marcante para o início do projeto.

Para a recontagem do conto Chapeuzinho Vermelho, foi apresentada uma maquete feita de isopor, com árvores, casas e personagens feitos de papel. Todos ficaram muito animados para ouvir, novamente, a "história do Lobo Mau" - estranho destaque ganhou esta figura, desmerecendo até os encantos da menina do chapéu vermelho.

Durante a recontagem, total encantamento, mas, no final, o "felizes para sempre" foi um tipo de sinal que os inquietou e os "empurrou" direto para fora da sala de aula, outra vez, como no dia anterior. Depois de retornarem à sala, foram convidados a representar através de desenhos a história narrada, desta vez, sendo

possível analisar outro aspecto da admiração pelo Lobo Mau: em quase todos os desenhos, a figura do lobo era traçada bem maior que qualquer outra, tomando, às vezes, todo o espaço do papel.

Conversando com a professora e coordenadora, colhemos dados importantes das vidas das crianças que são expressos claramente nos desenhos e na aflição de ver o Lobo Mau morrer – problemas familiares de violência e agressão.

A morte do Lobo era vista com contrariedade por essas crianças, que não aceitavam a morte fictícia do seu genitor, aqui relacionado com a figura do lobo. Com a morte do mesmo, finda-se a esperança de que um dia “ele” se torne bonzinho.

O conto de Branca de Neve foi narrado no terceiro encontro e foi muito bem aceito, mesmo com a insistência das crianças para ouvirem, outra vez, o “Lobo Mau”. Neste dia, como nos anteriores, as atitudes de ansiedade pelo manuseio do material, bem como por descobrir o que estava guardado na caixa, continuaram a acontecer, tornando difícil a organização da sala para o momento do conto.

Com o início da narrativa o ambiente se torna quieto, silencioso, tomado por uma total abdução de atenção para o livro. Ainda neste dia, o comportamento de “fugir” da sala, após o fim da narrativa, voltou a ocorrer, desta vez, com a participação de menos crianças, sendo mais fácil reuni-los para dar continuidade ao trabalho.

Nas atividades seguintes daquele dia, as letras da palavra MAÇÃ foram apresentadas as crianças que identificaram cada uma, dizendo seus nomes e traçando-as no ar com os dedos. Depois, cada uma recebeu a palavra escrita em papel para que fizessem bolinhas de papel crepom e colassem sobre o traçado das letras. Durante este momento, os educandos mostraram-se dedicados e, mesmo aqueles com dificuldades para realizar o trabalho ficaram satisfeitos com o próprio desempenho.

No quarto dia de encontro, para a recontagem de Branca de Neve, começamos as atividades, não pelo conto, mas, por um trabalho que envolveria a identificação de numerais até 7 e a coordenação motora ampla.

Com as crianças sentadas em círculo, iniciou-se um questionamento sobre a história narrada no dia anterior, dando destaque ao número de anões. Depois, apresentou-se no centro da “roda”, as partes de uma amarelinha, feitas com material emborrachado, com sete “casas”, para que montassem identificando a ordem dos numerais e, em seguida brincassem, pulando sobre as mesmas. Ainda neste dia,

houve indisciplina pela ansiedade de manusear o material, sendo necessária a intervenção da professora, contudo, tudo acabou se tornando muito divertido e é importante destacar que a maioria das crianças apresentou bom equilíbrio corporal ao saltar as casas da amarelinha.

Após o término desta atividade, todos foram convidados a pegar uma almofada e deitar no chão para que assistissem ao dvd Branca de Neve e os sete anões. Aqui, deixamos registrada uma sensação especial, o encantamento das crianças ao verem o filme, em suas risadas nos momentos cômicos e seus medos, nos momentos de suspense, principalmente quando percebiam a crueldade da bruxa.

É válido destacar que se tornou cada vez mais evidente a mudança de comportamento das crianças, que conseguindo controlar sua ansiedade e curiosidade, passaram a esperar que cada momento acontecesse a seu tempo e, ao final do conto, não mais saíam da sala de aula. Isto deixou ainda mais prazeroso o trabalho com os contos e mostrou o quanto a literatura infantil pode auxiliar mediante a disciplina e envolvimento dos alunos em sala de aula.

[...] como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia (COELHO, 2000, p.46).

Destaca-se, ainda, que o interesse pela história do "Lobo Mau" persistiu e a cada novo dia de encontro era abordada com a pergunta: "-Tia, hoje você vai contar a história do Lobo Mau?"

Bem adiante, no sétimo dia de encontro, deu-se a narrativa do conto João e o pé de feijão, dando ênfase ao conteúdo: o desenvolvimento das plantas. Enquanto se narrava o aspecto pobre da vida de João, que não tinha nada para comer, algumas das crianças, vendo nele sua própria vida, afirmaram o contrário para si e para os outros: "-Na minha casa tem comida!" (a maioria das crianças que freqüentam esta creche só fazem três refeições por dia quando lá estão); outras, perguntaram quando ele estava em posse dos feijões mágicos: "-Por que ele não come os feijões?"

[...] Enquanto que a criança frui a fantasia, o adulto pode derivar seu prazer da satisfação da criança; enquanto esta pode se sentir exultante porque entende melhor alguma coisa sobre si mesma, o prazer do adulto ao contar a história pode derivar do fato de a criança experimentar um súbito choque de reconhecimento (BETTELHEIM, 2007, p.217).

Mas, o desfecho do conto, no qual o personagem pobre termina rico, com destaque para a frase final “nunca mais sentiram fome novamente”, acalmou os pequenos que respiraram aliviados ao ver na ilustração João e sua mãe ao redor de uma mesa farta.

Ao serem questionados sobre como um pé de feijão cresceu tão depressa, a resposta foi geral: o feijão era mágico! Diante do segundo questionamento: “-Como uma planta cresce?”; as respostas foram, “do chão”, “da terra”. Com a apresentação de cartazes seqüenciados e uma canção, foi explanado como se dá o desenvolvimento das plantas, começando com uma semente até se tornar planta, florir ou frutificar.

Por que a leitura não se torna um motivo para debate, troca de idéias, expressão dos sentidos que cada um constrói na sua interação com o texto? Antes de citar regras e ditar respostas prontas, o professor transforma-se naquele que viabiliza a explicitação do percurso dos diversos sentidos levantados pelos alunos, procurando sua coerência (YUNES & PONDÉ, 1988, p.66).

Os cartazes expostos em sala, chamaram a atenção de um aluno em especial, que observando-os atentamente, por várias vezes, concluiu: “-Na minha casa tem esses desenhos iguaizinhos!”; demonstrando apreciação pelo momento vivenciado.

E agora, relatamos um fato curioso que ocorreu no nono encontro, com a narração do conto A Bela e a Fera.

Diante do desafio da Fera má de se tornar boa e encontrar um amor verdadeiro, todos se mostraram apreensivos. Entendi que era o embate que seus corações esperavam vencer: o mau tornar-se bom. E eis que o final do conto atendeu as suas expectativas. Depois deste dia, não mais se perguntou pelo Lobo Mau, pois acreditou-se na Fera, que tornando-se boa deu esperanças aos corações angustiados de algumas das crianças. Do mesmo modo, as pessoas a quem amam que lhes infligem agressão e violência, também podem mudar, como a Fera.

[...] Seja qual for a verdade de fato, a criança que ouve contos de fadas passa a imaginar e a acreditar que, por amor a ela, o genitor está disposto a arriscar a vida para lhe trazer o presente que mais deseja. Por sua vez, uma tal criança acredita ser merecedora de tal devoção, já que estaria disposta a sacrificar sua vida por amor de seu genitor. Desse modo, ela crescerá para trazer paz e felicidade até mesmo para aqueles que estão tão dolorosamente afitos que parecem feras (BETTELHEIM, 2007, p.414).

As atividades deste dia centraram-se no conteúdo: as necessidades das plantas; fazendo alusão aos cuidados que a Fera tinha com suas rosas. Com alguns cartazes foi iniciado um diálogo acerca do assunto proposto, em seguida, uma colagem com algodão, glitter, papel picado, areia e flores feitas com papel colosete; representando respectivamente: nuvens, sol, chuva, terra e flor, este trabalho despertou grande interesse nas crianças, que através da colagem, identificaram que as plantas precisam de água, luz do sol e terra boa, para se manterem vivas.

Com o conto Os Três Porquinhos, recontado no décimo segundo dia de encontro, o destaque foi para o conteúdo "formas geométricas" (triângulo, retângulo, quadrado e círculo).

Durante a narrativa, com o uso de casas de papel evidenciando formas geométricas e fantoches de dedos, também de papel, as crianças se divertiram bastante, interagindo com os personagens, tentando avisá-los sobre o perigoso Lobo batendo à porta.

Qualquer que seja a estratégia escolhida, ler ou contar vai exigir do professor a coragem de se expor, de calar e também ouvir. Uma dinâmica interacional, que traz para o jogo não só quem conta, mas também aquele que ouve (DEBUS, 2006, p.78).

O personagem do Lobo, não inquietou mais as crianças e nenhuma delas se mostrou preocupada com o seu fim trágico – queimado na chaminé da casa de tijolos.

A atividade com as formas geométricas, se estendeu do formato das casas dos porquinhos até as formas desenhadas no chão da sala com o uso de durex colorido. Todos foram convidados à andar sobre as figuras ou se posicionar dentro das mesmas de acordo com o que era solicitado na brincadeira, como por exemplo: - todas as meninas dentro do triângulo; -os meninos andando sobre as linhas do quadrado; etc. É válido registrar a observação acerca de suas habilidades motoras, seguindo os "comandos" com facilidade.

A Princesa e o Sapo foi o conto apresentado do décimo terceiro dia do projeto. Uma história que arrancou boas gargalhadas das crianças, com a narrativa que deu ao sapo uma voz engraçada. Mesmo com toda a alegria, foi perceptível a preocupação das crianças com a princesa que se viu obrigada por seu pai, o rei, a cumprir a promessa que fez ao sapo: dividir a cama, a comida e tudo o mais na sua vida com o anfíbio, pelo qual sentia nojo. Mas, esta não era a opinião geral, algumas crianças tinham pena do sapo, que foi enganado pela princesa depois de lhe ajudar

a recuperar um brinquedo que caiu na lagoa. Contudo, ao final, todos se regozijam com o sapo virando príncipe e se casando com a princesa.

Para que uma obra seja realmente emancipatória, é preciso que contenha uma multiplicidade de pontos de vista que brotem do texto e dos personagens, que permita assegurar ao leitor a sua opção, sua liberdade em relação a esse texto, sua escolha e crítica, uma vez que é o leitor que realiza o seu julgamento de valor e não o narrador que está sendo o porta-voz do autor (YUNES & PONDÉ, 1988, p.42).

As atividades evidenciadas neste dia giram em torno dos conteúdos: noção de grandeza (pequeno/grande) e classificação (pela cor), tudo com o uso dos crachás (com os nomes das crianças), feitos de papel cartão em formato de bola, em três cores diferentes (primárias). Trabalhando em duplas, os alunos foram convidados a separar ou agrupar pela cor ou tamanho, de acordo com o que era sugerido. É importante destacar que os educandos demonstraram facilidade em identificar os tamanhos, entretanto, as cores não foram reconhecidas por todos corretamente. Todavia, com os benefícios que só a heterogeneidade proporciona, o trabalho foi um sucesso, pois se ajudaram mutuamente, alcançando o resultado almejado.

No dia seguinte, com a recontagem do conto "A Princesa e o Sapo", narrado através de um cineminha, questionei as crianças: "-Onde o sapo mora?"; "-Como ele nasce?"; "-Como ele cresce?". Depois de ouvir suas opiniões e/ou comentários, que deram ao sapo o esgoto para morar e, a barriga de sua mãe para nascer, apresentei gravuras que mostravam a metamorfose do sapo.

As crianças ficaram surpresas de saber que os sapos nascem de ovos, mas, manifestaram simpatia pelo "bicho", cantando as músicas infantis que conheciam sobre o mesmo, como "Sapo Cururu" e "O sapo não lava o pé".

As crianças têm uma afinidade natural com os animais e com frequência se sentem mais próximas deles do que dos adultos, desejando partilhar daquilo que parece ser uma vida animal tranquila de liberdade dos instintos e de prazer. Mas, com essa afinidade, vem também a angústia da criança de que talvez não seja tão humana quanto deveria ser. Esses contos de fadas contrabalançam esse temor ao fazer da existência animal uma criasálida da qual emerge uma pessoa extremamente atraente (BETTELHEIM, 2007, p.391).

Ao nos encontrarmos no décimo sétimo dia, o conto narrado foi O Patinho Feio. Enquanto se dava a narrativa, percebeu-se a comoção entre as crianças, diante do preconceito contra o patinho. Mas, no momento da grande descoberta, de era um cisne e não um pato, todos se alegraram e bateram palmas.

A atividade a ser destacada neste dia, envolvia número e numeral até 10. Cada criança era convidada a sortear um pato de papel de dentro de uma sacola, identificar o numeral escrito no mesmo e agrupar a quantidade de colegas correspondente, que teriam que imitar patinhos andando em fila. Tudo se deu com muita alegria, em meio as risadas e imitações de patos, com “bater de braços” e “quá-quás”!

Vários alunos apresentaram dificuldades em identificar os numerais e agrupar a quantidade certa de amigos, contudo, receberam ajuda dos colegas e da professora, conseguindo concluir a tarefa com sucesso.

A recontagem do conto O Patinho Feio, aconteceu com a utilização de um cd, que contava a história através de rimas e canções. Todos foram convidados a deitar-se nas almofadas para ouvir atentamente.

As crianças apreciaram a narrativa do cd e pediram para que fosse repetida, e ouviram novamente a história, ainda deitadas nas almofadas, tornando aquele momento relaxante e prazeroso.

Logo após, foram apresentadas fichas com as letras da palavra PATO, para que identificassem cada uma dizendo seus nomes. Depois, um cartaz com a canção O PATO, de Vinícius de Moraes, foi colocada no centro da roda, para que encontrassem na mesma, a palavra destacada e pintassem. Esse trabalho foi realizado com mais facilidade ao cantar a música e acompanhar a letra escrita em cartaz com o dedo.

O contar histórias pode influir diretamente na aprendizagem efetiva da leitura e da escrita, pois, por meio da narrativa, a criança entra em contato com novos vocábulos, com estratégias de linguagem, já que a estrutura início, meio e fim das narrativas auxilia a criança na elaboração de suas próprias histórias. O leitor-ouvinte começa a ser exposto naturalmente ao mundo ficcional, o que lhe desperta a sensibilidade e a criatividade (DEBUS, 2006, p.75).

Em seguida, todos receberam a palavra PATO escrita em papel (com letra bastão), lã, tesoura e cola, para que contornassem a mesma. Foi notória a dificuldade das crianças em manusear a lã, cortá-la com a tesoura e repousá-la sobre a letra, coberta com cola. Todavia, não houve desmotivação em momento algum, todos queriam realizar a tarefa. Assim, o combinado foi, “quem termina a sua atividade, ajuda o colega que ainda não concluiu”, e a sala de aula tornou-se um mutirão de trabalho coletivo.

É essa conduta, da solidariedade, que os contos despertam, pendendo as crianças para o bem, deixando-as mais parecidas com os personagens dos livros, por que estas atitudes são reais e não precisam de magia para acontecer, talvez sejam elas próprias a pura magia do bem viver.

No décimo nono dia de trabalho, o conto apreciado foi A Bela Adormecida. Com o livro em mãos e almofadas em círculo aguardamos as crianças chegarem do descanso, como já havíamos feito outras tantas vezes e observamos como tudo estava diferente em nosso convívio. Suas mudanças de comportamento, da “turbulência à calma”, das opiniões que dividiam sobre as histórias, agora, aceitando o que o outro pensa ou sugere. E diante deste fato e de outros mais, acreditamos, com ainda mais convicção, na Literatura Infantil como ponte de acesso à descoberta do mundo pela criança.

Depois da narrativa conversamos sobre quanto tempo a princesa dormiu, e a resposta esperada surgiu: “-Muitos dias e muitas noites!” Esta era a ligação para o conteúdo a ser ministrado aquele dia: o dia e a noite.

Para esta atividade usamos dois cartazes, de papel colosete, representando o céu: um preto e outro azul claro, além de crachás de papel do mesmo material, em formato de sol, lua, nuvens e estrelas.

As crianças foram questionadas sobre como é o céu durante o dia e como ele é a noite. em seguida, cada uma foi convidada a encontrar seu nome, dizer qual astro o representava e fazer a colagem do mesmo, ex.: se seu crachá fosse o sol, teria de ser colado no papel azul claro. As nuvens foram colocadas todas no papel que representava o dia, mas, diante dos questionamentos: “Não chove a noite? E de onde vem a chuva?”, algumas crianças trocaram as nuvens de lugar.

Deste modo, chegamos ao último dia de projeto. E a recontagem da Bela Adormecida se deu de forma bem diferenciada.

Primeiro, um grande baú de papel foi depositado no centro da sala e a curiosidade tomou conta de todos. Todos tentaram descobrir o que havia dentro da caixa, mas ninguém descobriu. Lá de dentro foram retirados objetos presentes na história de a ser recontada, um para cada criança: coroas, espadas, asas, varinhas de condão, roca de fiar e flor, tudo confeccionado com papel e isopor.

Os educandos foram convidados a recontar a história através de uma dramatização e espontaneamente escolheram os personagens que gostariam de representar, pegando o objeto correspondente, como: coroas – rei, rainha, princesa e príncipe; espadas – soldados e príncipe; asas e varinhas de condão – fadas boas

e fada má; roca de fiar – fada má. Para o cenário, foi usada a pintura, em tecido, de um castelo e flores e folhas artificiais.

De acordo com a narrativa da professora, cada criança “atuava” espontaneamente, dizendo as falas sem texto decorado, dando vida aos seus personagens. É importante destacar, que algumas crianças mostraram-se tímidas e só participaram da brincadeira com o incentivo dos colegas e da professora.

Lembramos que o hábito de leitura se forma “antes” mesmo de saber ler – é ouvindo histórias que se “treina” a relação com o mundo; daí que contar, recontar, inventar, sem que se proíba falar, leva inclusive ao gosto de encenar; [...] (YUNES & PONDÉ, 1988, p.60).

No momento final, tão esperado, o “príncipe”, como era de se esperar de “qualquer menino”, negou-se a despertar a “princesa” com um beijo, dizendo: “-Eu não vou beijar ela, depois vão dizer que é minha namorada!” E, coube a um dos soldados o beijo do final feliz.

Seguido a esse delicioso “faz-de-conta”, nos restou a despedida. Agradecemos a todas as crianças pela atenção que nos deram e, mais ainda pela dedicação durante os trabalhos. E depois nos despedimos de veementes acenos de mãos e beijos, ficamos com uma grande certeza: a sala de aula é um lugar mágico, onde a feitiçaria do saber acontece e nos torna mais poderosos, como bruxos e bruxas capazes de abraçar o mundo, tornando-o um lugar melhor.

Dentro deste espaço repleto de luz mágica, toda dor, sofrimento e preocupações infantis, são atendidas, tratadas e muitas vezes, curadas, por meio deste pó mágico que escorre das páginas de um livro. E o aprender, vai acabar sendo uma consequência da qual não se foge, pois acontecerá naturalmente, sem esforço e sem barreiras.

No reino do “Era uma vez”, o faz-de-conta realiza estripulias e nos convida a brincar, para nos desarmar das enferrujadas armaduras e voar livres pelas paragens das maravilhas com as asas da imaginação (DEBUS, 2006, p.72).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhando a linha estabelecida entre os desafios da infância e os contos de fadas, explicitados neste trabalho monográfico, ficam claros, se não, óbvios, os motivos que dão significado, às crianças, ao prazer de ouvir histórias com lindas e graciosas princesas, príncipes que se transformam em sapos, bruxas invejosas, irmãs e madrastas malvadas e outros seres que povoam a terra do faz-de-conta.

De imediato, a criança se joga neste mundo simbólico, buscando as respostas necessárias às suas perguntas prematuras sobre sua existência, seus conflitos e seus medos.

A criança é primitiva como a humanidade em seu princípio era infantil e, encontra na literatura simples o significado da vida com suas tramas e problemas. É através dela que se tornam mais compreensíveis os acontecimentos a sua volta, o porque de tudo ser como é: o mau ser mau, o bom ser bom e, a causa de que mesmo com uma dor proeminente invadindo seu ser infantil, precisa continuar acreditando na esperança, na justiça.

Tudo que é fantástico e incrível é linguagem de fácil compreensão pela criança, que longe de ter um pensamento adulto realista, “acredita duvidando e duvida acreditando”, necessitando desta busca pela verdade para melhor enfrentar a realidade a sua porta.

Inconscientemente, ela reflete seus medos e anseios nas situações apresentadas nos contos, como: “a irmã mais velha pela qual se sente inferiorizada ganha consolo em Cinderela; a raiva exagerada que sente por alguns instantes de alguém, é derrotada junto com a ferocidade do dragão abatido pelo herói; o medo de não ser aceita pela própria aparência desaparece com a beleza do patinho feio que se torna cisne”. Estes e vários outros sentimentos que povoam as mentes e os corações infantis desencadeiam sofrimentos que são atenuados pelos contos de fadas, promovendo uma auto-descoberta de si mesmo.

Foi seguindo esta ponte que estreitou-se diante da pesquisa um caso incomum: a preferência carente e amorosa de uma criança pelo Lobo Mau. Preocupava-se com seu destino – ter a barriga aberta e cheia de pedras, para depois ser lançado em um rio – e mostrava-se entristecida. Diante de sentimento tão ímpar por um personagem do qual a maioria das crianças sente medo – se não

todas – o questionamento acerca do que ela sentia foi inevitável e a resposta surpreendente: “— Ele podia ficar bonzinho!”

As informações sobre a vida familiar da criança em questão, esclarece melhor seus sentimentos – agressões praticadas contra ela por um membro da família a quem amava. É natural que seu desejo seja de mudança e, muito evidente que para cada um de nós, os contos têm significados diferentes, bem como, a situação e característica dos personagens.

É mais fácil compreender agora o motivo pelo qual uma criança se sente tão absolvida ao ouvir uma história infantil, sabendo que aquela história ultrapassa o fazer pedagógico e se instala na parte mais íntima do seu ser infantil, em suas causas primeiras, urgentes e inconscientes, acalmando-as ou fazendo-as refletir sobre suas vidas, gerando credibilidade e esperança, na suas tentativas de compreender o mundo adulto.

Uma história infantil pode dar suporte e sentido a conteúdos de matemática, ciências, português, pode também, desenvolver a oralidade, a escrita, a expressão em todas as suas formas e, ainda assim, ser fantástica, conduzir a lugares mágicos, só conhecidos na imaginação de cada um.

Após a compilação de tantas afirmações sobre a literatura infantil ter fundamental importância para o desenvolvimento da criança em sua totalidade, ou seja, em todos os aspectos, fica a perspectiva de uma educação inserida na possibilidade do “faz-de-conta”, onde a criança aprende a lidar consigo mesma e com os outros, na busca de um significado para sua vida.

Sendo possível ter um sentido para aprender a ler, a escrever, a fazer contos, sem o desgaste do cansaço, da monotonia, da falta de curiosidade. Tudo isso acontece quando encontramos motivos para acreditar na vida com um final feliz.

Torna-se evidente, neste trabalho monográfico, que a “contação de histórias” traduz o universo afetivo da criança e lhe dá equilíbrio emocional, desenvolvendo sua cognição, lhe dando suporte para o amadurecimento pessoal, característica que lhe legitima como imprescindível na rotina escolar.

BIBLIOGRAFIA

- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra. 21ª ed. 2007.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio de Literatura Infantil**. São Paulo: IBEP. 3ª ed. 1961.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Gente. 3ªed. 2005.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. Teoria, Análise, Didática. Ed. Moderna. 2000.
- DEBUS, Eliane. **Festaria de Brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus. 2006.
- DUVAL, Marie. **Contos Maravilhosos**. Tradução: Eliana Chiachetti – São Paulo: Impala, 1998.
- GRIMM, Jacob. **Os Contos de Grimm**. Tradução do alemão: Tatiana Belinky – São Paulo: Paulus, 10ª ed. 2008.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAM, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. História e Histórias. São Paulo: Ática. 4ª ed. 1988.
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. – 2ª ed. rev. e atual. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- YUNES, Eliana e PONDÉ, Glória. **Leitura e Leituras da Literatura Infantil**. São Paulo: FTD. 1988.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global. 8ª ed. 1994.

ANEXOS

ANEXO B

Nome: _____
Instituição: _____
Formação profissional: _____
Tempo de serviço: _____
Curso: _____
Série: _____

Questionário:

1. Você costuma narrar histórias para as crianças? De quê tipo (contos, mitos, fábulas[...])?

2. Quais as metodologias adotadas para estes momentos (recursos ou procedimentos)?

3. O que você observa no comportamento das crianças durante as narrativas?

4. Em algum momento as crianças tem contato (manuseiam/lêem) com livros infantis? Como este material é apresentado para elas? Qual o objetivo destes momentos?

5. Que importância você dá a narrativa de histórias infantis para crianças? Por quê?

ANEXO C
REGISTROS FOTOGRÁFICOS











